

Recepção x difusão: reflexões para preservação do patrimônio recente

Guilah NASLAVSKY*, Sonia M. B. MARQUES^a

*Doutora (FAUUSP, 2004) e filiação: MDU/UFPE
Endereço do Autor Correspondente: Rua das Pernambucanas 407/703 Graças Recife-PE
Cep 52061070.

E-mail do Autor Correspondente: guilahn@uol.com.br
marquessoniam@hotmail.com

^a Docteur (Ecole des Hautes Études, en Sciences Sociales 1996) e filiação PPGAU/UFPB

Resumo

Retomando a sugestão do encontro internacional do DOCOMOMO de Paris¹ em 2002, a proposta deste texto é utilizar a teoria da recepção para uma releitura da História da Arquitetura Moderna no Brasil, o que permitiria um melhor olhar sobre preservação do patrimônio arquitetônico moderno. Ou seja, inspiradas na análise da recepção e retomando reflexões anteriores, propomos um distanciamento das narrativas historiográficas nacionais em disputa por hegemonia (Marques, 2006) por julgarmos pouco profícuos os termos intrínsecos ao seu debate, a saber: o verdadeiro local da origem da modernidade brasileira, seu momento ideal, seus desdobramentos e variações regionais, “menores².”

Como alternativa a estas visões, a teoria da recepção permite destronar a explicação de difusão de um movimento artístico por irradiação de um centro maior para outros “menores,” em prol de um movimento em rede, admitindo trocas e interações diversas.

Nós discutiremos rapidamente esta proposta num primeiro momento deste texto, para, em seguida, demonstrar como a perspectiva da recepção se aplicaria para o estudo da modernidade em três capitais nordestinas: Recife, Natal e João Pessoa e que repercussão prática esta leitura acarreta no caso concreto da preservação de exemplares nestas cidades, desde o próprio processo seletivo. Não se trata de negar a questão da qualidade, da existência de uma norma culta, nem tampouco chegar ao relativismo total da equivalência de todas as modernidades.

Ao advogarmos a necessidade de aprofundar as especificidades locais numa ótica interativa e não forçosamente subordinada a um centro “maior”, apostamos que talvez este seja o caminho de melhor lidar com os diferentes atores em jogo, num processo de valorização do patrimônio de uma maneira geral.

Palavras-Chave: Recepção; Difusão; Arquitetura Moderna; Pernambuco; Paraíba; Conservação.

¹ MARQUES, Sonia & NASLAVSKY, La Réception du Modernisme à Recife. In: **7th DOCOMOMO International Conference**. Paris:set/2002.

² Para não dizer “inferiores”.

Abstract

Taking up the suggestion of the international DOCOMOMO Paris in 2002, the purpose of this text is to use the theory of reception for a rereading of the History of Modern Architecture in Brazil, which would allow a better look at modern architecture heritage preservation. That is, inspired by the analysis of the reception and returning to the foregoing considerations, we propose a departure from the national disputes for hegemony of the historiographical narratives (Marques, 2006) judging by some profitable terms intrinsic to their debate, namely, the true place of origin of Brazilian modernity, his best time, its evolution and regional variations as "minor."

As an alternative to these views, the reception theory allows dethrone the explanation of diffusion of an artistic movement by irradiation of a major center for other "minor" in favor of a move in the network, assuming various exchanges and interactions. We will discuss this proposal at the beginning of this text, then demonstrate how the perspective of reception would apply to the study of modernity in three northeastern capital, Recife, Natal and João Pessoa and which practical impact, this reading leads in the modern buildings preservation case, from the self selective process. This is not to deny the issue of quality, nor the existence of a standard norm, neither to reach the total relativism of all modernisms equivalency.

By advocating the need to deepen the local specificities in interactive optic and not necessarily subordinated to a "bigger" center, we bet that this is perhaps the best way to deal with different actors that play in the heritage valuation process in general. This is what we discuss below.

Key-words: reception; diffusion; modern architecture; Pernambuco; Paraíba; conservation

1. Introdução

Retomando a sugestão do encontro internacional do DOCOMOMO de Paris³ em 2002, a proposta deste texto é utilizar a teoria da recepção para uma releitura da História da Arquitetura Moderna no Brasil, o que permitiria um melhor olhar sobre preservação do patrimônio arquitetônico moderno. Ou seja, inspiradas na análise da recepção e retomando reflexões anteriores, propomos um distanciamento das narrativas historiográficas nacionais em disputa por hegemonia (Marques, 2006) por julgarmos pouco profícuos os termos intrínsecos ao seu debate, a saber: o verdadeiro local da origem da modernidade brasileira, seu momento ideal, seus desdobramentos e variações regionais, “menores⁴.”

Como alternativa a estas visões, a teoria da recepção permite destronar a explicação de difusão de um movimento artístico por irradiação de um centro maior para outros “menores,” em prol de um movimento em rede, admitindo trocas e interações diversas.

Nós discutiremos rapidamente esta proposta num primeiro momento deste texto, para, em seguida, demonstrar como a perspectiva da recepção se aplicaria para o estudo da modernidade em três capitais nordestinas: Recife, Natal e João Pessoa e que repercussão prática esta leitura acarreta no caso concreto da preservação de exemplares. nestas cidades, desde o próprio processo seletivo. Não se trata de negar a questão da qualidade, da existência de uma norma culta, nem tampouco chegar ao relativismo total da equivalência de todas as modernidades.

Ao advogarmos a necessidade de aprofundar as especificidades locais numa ótica interativa e não forçosamente subordinada a um centro “maior”, apostamos que talvez este seja o caminho de melhor lidar com os diferentes atores em jogo num processo de valorização do patrimônio de uma maneira geral. É o que discutimos a seguir.

2. A teoria da recepção. Da difusão por irradiação à legitimidade dos processos específicos.

Desenvolvida em particular pela escola de Constância a teoria da recepção originalmente concernia apenas a fenômenos literários. Depois os estudos de filosofia se interessaram por ela, sobretudo no que dizia respeito a autores considerados “menos importantes” e também a fenômenos de transferência cultural. O que se destaca

³ MARQUES, Sonia & NASLAVSKY, La Réception du Modernisme à Recife. In: **7th DOCOMOMO International Conference**. Paris:set/2002.

⁴ Para não dizer “inferiores”.

basicamente é que um “texto” seja ele livro, filme, ou qualquer outro trabalho de criação não é aceito passivamente por um público, mas que o leitor/ espectador interpreta significados a partir de seu background cultural individual e de seu vivido. Em suma, o texto não teria um significado inerente mas criado no processo de relação entre texto e leitura. No caso da arquitetura, esta abordagem difere daquela da historiografia clássica que, geralmente, concentra-se nas intenções dos arquitetos, no contexto de produção do objeto ou no processo construtivo. Também desconsidera termos descritivos como formal, pitoresco ou etiquetas estilísticas, ainda que estes sejam considerados como portadores de sentido para visitantes e observadores de uma maneira geral.

Como então utilizar esses conceitos e reflexões para a questão da preservação?

3. A teoria da recepção aplicada às cidades do Nordeste brasileiro: Recife, João Pessoa e Natal

Em trabalhos anteriores, arriscamo-nos a sintetizar as narrativas hegemônicas da historiografia sobre a arquitetura moderna no Brasil.⁵ Constatávamos que a produção intelectual, sobretudo nas pesquisas universitárias, com variações poucas, segue as orientações do clássico livro de Bruand. Nossos edifícios parecem fadados a serem olhados a partir da ação da dupla de arquitetos e professores – Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim – que seriam, por sua vez, intérpretes da escola carioca e, em particular dos ensinamentos do mestre Lúcio Costa. Os esforços de complementação levados a cabo por outros autores, em particular por Hugo Segawa, não tem conseguido impedir os pesquisadores mais recentes de buscarem atribuir ao objeto estudado as categorias oferecidas pelo francês⁶ ou por narrativas concorrentes, como as que buscam vertentes italianas, por exemplo, e estudam Mario Russo ou a ação de Lina Bo Bardi e que padecem do mesmo raciocínio. Combatendo-as, propúnhamos que a arquitetura moderna nascera no Recife, numa atitude provocativa evidente, com o objetivo de

⁵ Dizíamos que, “grosso modo”, sobretudo nas publicações estrangeiras e particularmente nas européias, até o momento, uma interpretação predominava: *“aquela que propõe a construção da arquitetura moderna, no Brasil, em três etapas, sendo a fase carioca a sua quintessência (Comas, 2002; 2006). Nesta, destaca-se o papel crucial de Lúcio Costa, na articulação internacional, junto a Le Corbusier e ao CIAM, bem como, no Brasil, na relação entre paulistas e cariocas, os verdadeiros pioneiros (Goodwin, 1943; Mindlin, 1956; Lemos, 1979; Bruand, 1981; Segawa, 1998; Frampton, 1993; Martins, 1987; Santos et alli, 1987). Numa outra perspectiva, situam-se narrativas proponentes da existência de várias modernidades, que se relacionam freqüentemente com uma sensibilidade paulista (Segawa, 1998; Puppi, 1998, Anelli, 2001) embora não apenas com ela (Conduru, 2006). Estas, por sua vez, advogam contribuições européias diversas na constituição de nossa modernidade, dando-lhes legitimidade a todas”*.

⁶ Por genéricas e fluídas que elas sejam: a junção entre tradição e modernidade, o respeito ao clima, etc. Onde houve boa arquitetura o fenômeno pode ter ocorrido.

instigar novas leituras⁷. A justeza deste combate tem sido confirmada ao longo de nossas pesquisas, sobretudo à luz de exemplares presentes em duas outras capitais nordestinas: João Pessoa e Natal. Ou seja, é possível afirmar que vimos o modernismo nascer no Recife. Mas a arquitetura moderna nordestina está longe de limitar-se a meros desdobramentos ou a exemplares menores de uma hipotética escola de Recife.

a) João Pessoa

Tomemos, em primeiro lugar, o caso de João Pessoa. A modernização desta cidade, a partir da primeira década do século vinte, que prossegue, na década seguinte, em função do ciclo de prosperidade do algodão (1910-1924), expressa-se, no plano político, em 1921, quando o paraibano Eptácio Pessoa chega à presidência da República. Podemos constatar que o meio intelectual que se formou, nesta época, ao redor de figuras como José Américo de Almeida⁸ (1887-1980), o ministro de Viação e Obras públicas do Governo Vargas, é fundamental para definir o processo de recepção. Não por acaso, o primeiro curso superior da Paraíba foi oferecido pela Escola de Agronomia do Nordeste, na cidade de Areia, onde nascera Almeida, que reunindo onze cursos de nível superior já existentes no estado, fundou a UFPB, em 1955. Sucessor de Almeida no governo do Estado da Paraíba, Flávio Ribeiro Coutinho (1882-1963) médico, usineiro e banqueiro, acionista do Banco Comércio e Indústria da Paraíba é outra figura de uma linhagem próxima aos meios modernistas. As elites participantes destes cursos, com alto capital cultural e com ligações diretas com a Europa, foram os clientes da primeira modernidade arquitetural da cidade como bem demonstra Pereira (2008). Os Ribeiro Coutinho e seus contra-parentes foram clientes de arquitetos como Acácio Gil Borsoi, Mario Di Lascio e Carneiro da Cunha.

Dentre estes diversos arquitetos modernistas aos quais poderíamos acrescentar o pioneiro Clodoaldo Gouveia⁹, **Mário Glauco Di Lascio** é aquele que, sem sombra de dúvida permanece como sendo um dos mais prestigiados pelos meios culturais locais. Filho de Hermenegildo Di Lascio, arquiteto diplomado na Argentina, Mario iniciou seu curso na Mackenzie, concluindo-o pela Escola de Belas Artes do Recife, sendo até o momento atuante nos meios pessoenses. Exemplos do cotidiano nos dão conta do apreço junto aos setores culturais da cidade . Por exemplo, na loja de vídeo mais cult da cidade, point dos professores da UFPB, conseguimos empenho do proprietário na compra do filme *The Belly of an Architect* de Greenway, porque, como nos disse o responsável: *Doutor Mario já encomendou este filme*. Outra evidência: no blog ArqPB¹⁰ é mostrada a casa Ângela Vieira, projeto de Mario Di Lascio. Ela da margem

⁷ MARQUES, Sonia & NASLAVSKY, Guilah. **Eu vi o modernismo nascer...e ele começou no Recife**. In: MOREIRA, Fernando Diniz (Org.). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. 1º ed. Recife-PE: FASA, 2007, v. , p. 81-105.

⁸ Autor do romance *A Bagaceira* de 1928, considerado um marco inicial da segunda fase do Modernismo

⁹ Estudado por Maria Helena, Carlos Martins e Hugo Segawa entre outros.

¹⁰ Que é dedicado a publicação de projetos, artigos e idéias sobre a produção do espaço das cidades, além de outros temas afins. <http://arqpb.blogspot.com/2007/11/mrio-glauco-di-lscio-residencia-ngela.html> consultado em 27 de fevereiro de 2011 às 19.00.

ao seguinte comentário de um jovem: se eu tirasse na loteria compraria esta casa ou a da Claro¹¹. Esclareçamos: a “casa da Claro”, é a casa Cassiano Ribeiro, projeto de Acácio Gil Borsoi, ora em processo de restauro e tombamento. Apesar de todas as pesquisas dos professores das escolas de arquitetura local, para a maioria dos estudantes e mesmo dos arquitetos locais, ela é apenas a casa que abriga a empresa de telefonia Claro. Já a outra casa, a Ângela Vieira, é um projeto de Mario Di Lascio, arquiteto familiar ao meio pessoense, o que lhe garante hoje em dia um popularidade bem maior que a do seu eventual mestre pernambucano, Borsoi.

Ora, graças a sua passagem por Belas-Artes, Mario Di Lascio tem sido, até o momento, colocado, nos estudos acadêmicos como um coadjuvante de uma dita escola do Recife que se espraiaria pelo Nordeste. Se, de um ponto de vista historiográfico, esta colocação é discutível, do ponto de vista do entendimento de sua obra ela é totalmente inútil. Pior ainda, do ponto de vista das estratégias de preservação que supõem um desenvolvimento afetivo e identitário da população com a obra a ser preservada, esta postura é absolutamente contra-producente.

Como pesquisadores e preservacionistas, melhor serviço faríamos se entendêssemos o carinho e o prestígio que Di Lascio goza nesta cidade como um ponto de partida positivo para uma valorização da arquitetura moderna. Destacar exatamente as especificidades de seus projetos, suas qualidades e eventuais limitações seria um melhor serviço à causa da preservação do que arrolá-los simplesmente como sub-produto da dita escola do Recife.

b) Natal

O que foi dito para o estudo da arquitetura pessoense e para o arquiteto Mario Di Lascio, em particular, poderia ser aplicado igualmente para o estudo da produção da arquitetura moderna do Rio Grande do Norte . Como bem salientam Trigueiro, Cappi e Nascimento (2010), esta é « *tema de poucos registros na literatura, alguns quase justificadores dessa escassez por abordar a produção potiguar como de expressão débil comparativamente a de outros estados brasileiros* ». Assim é o tom adotado tanto no livro de Lima (2002) sobre arquitetura de Natal quanto na excelentemente documentada dissertação de Consulin Seabra de Melo (2004). Alguns, talvez visando escapar a esta debilidade expressiva, partem para buscar, na modernidade potiguar as influências da escola carioca e do Recife (Pereira 2009; Nobre, 2008). Colocar Natal nesta genealogia é tarefa inclusive relativamente fácil. Basta lembrar que Moacyr Gomes e Fernandes de Miranda, pioneiros do modernismo potiguar, formaram-se ambos no Rio de Janeiro, na Faculdade Nacional de Arquitetura. Assim sobre Miranda pode-se ler no referido estudo: *Observa-se em sua produção forte influência dos princípios corbusierianos diluídos através da tradução disseminada pela Escola Carioca, filtrados pela realidade local, no sentido de “acomodar” esses princípios ao seu contexto, ajudando a produzir sua versão da arquitetura moderna.*” (Nobre e

Pereira, 20xx). É certo que Moacyr Gomes e João Mauricio Fernandes de Miranda nascidos respectivamente em 1927 e em 1933 diplomaram-se ambos pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, onde no final dos anos quarenta também se diplomara Acácio Gil Borsoi. Mas este se diplomou ainda na ENBA e é possível que os cursos e influências recebidas por cada um destes três arquitetos tenham sido de natureza muito diferente. A eficácia da afirmação destas filiações de um ponto de vista de estratégia de preservação parece duvidosa junto aos residentes e autoridades responsáveis, numa cidade em que, mesmo os alunos e profissionais, até pouco tempo pelo menos não valorizavam as obras de Lélé, chegando mesmo a desconhecer as edificações que este grande arquiteto projetou nesta cidade. Aqui, onde a evolução demográfica e o crescimento urbano dos dois últimos decênios é marcado por crescente contingente de forasteiros o contexto é pouco propício a práticas da memória. Trabalhar com os processos específicos de recepção da modernidade nesta cidade, valorizando o que parece inferior e sobretudo a inventividade local seria talvez uma melhor estratégia que as reivindicações genealógicas.

c) Recife

No caso de Recife, isso poderia levar a reconsiderar o engenheiro e projetista Rui da Rosa Borges, que atuou em parceria com Fernando Almeida, autor da Residência Fernando Almeida. Ou ainda o arquiteto licenciado Heitor Maia Filho, de família tradicional em Recife, cuja recepção da modernidade internacional se deu de forma direta, sem ter sido preciso passar pela ENBA, nem encontrar Le Corbusier, já que cedo viajou ao exterior, a bordo do Zeppelin, conhecendo a Alemanha, a Rússia e a França.

4. Evolução demográfica e recepção do modernismo nas capitais nordestinas

	João Pessoa	Natal	Recife	Rio	São Paulo
1920	52.990	30.696	238.843	1.157.873	579.033
1940	94.333	54.836	348.424	1.764.141	1.326.261
1950	119.326	102.215	524.682	2.377.451	2.198.096
1960	153.175	160.253	788.336	3.281.908	3.781.446
1970	221.546	264.379	1.060.701	4.251.918	5.924.615

Ainda que o dado populacional não seja uma variável determinante, uma simples visada na evolução demográfica das capitais nordestinas deveria levar a evitar a idéia de uma difusão do modernismo segundo uma só direção. Veja-se que, até os anos cinquenta a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país era mais populosa que São Paulo. Mas Recife com população bem mais reduzida era então a terceira cidade mais

populosa. O aeroporto recifense era então ‘a porta para a Europa’, África e exterior de uma maneira geral, não só pela importância da cidade, mas ainda tendo em vista que os tempos de vôo sem parada para abastecimentos eram ainda muito reduzidos. Para usar a expressão lida num comentário a um vídeo sobre a companhia aérea Cruzeiro do Sul, as elites, os profissionais de classe alta, os intelectuais nordestinos dialogavam diretamente com o exterior sem necessariamente passar pelas escolas do Rio ou de São Paulo.

Conclusão

No afã de seguir a boa literatura, os autores que estudam o modernismo nordestino compram, na maioria das vezes, o tíquete da narrativa historiográfica dominante. Donde a cantilena segundo a qual a arquitetura brasileira é marcada pelo veio corbuseriano e se afirma na sua vertente mais canônica através da escola carioca, tendo um de seus desdobramentos mais expressivos na chamada escola do Recife¹². A busca de uma genealogia nobre não parece, no entanto, conferir nobreza aos atores locais, antes os reduzindo a tradutores menores da província. A arquitetura moderna nordestina é assim reduzida à difusão de um centro original hegemônico, o primeiro e principal que, numa cadeia, influenciaria os demais, para todo o sempre.

Isto tem dirigido um olhar apriorístico para os objetos que prescindem de qualquer análise mais aprofundada, já previamente classificados por certos elementos como pertencentes a tal genealogia. Tautologias e truísmos, além do copiar e colar tem sido o resultado de tal estratégia pouco produtiva do ponto de vista analítico.

A noção de recepção difere, no entanto da de difusão e leva-nos a buscar a especificidade dos atores, projetistas, clientes e público em geral, os que encomendam, projetam, produzem e recebem a arquitetura num local e momento específico. Ela deve ser entendida como questionamento da diversidade, possibilitando que diversas modernidades, que exemplares que fogem do hegemônico possam ser apropriados como detentores de valor.

O presente, como se sabe, é quem confere sentido ao passado. Neste sentido, os estudos e as estratégias de preservação deveriam ser mais sensíveis aos processos específicos de recepção. Deveríamos principalmente encorajar as apropriações pela população deste patrimônio recentemente construído, que em geral é de pouco apelo popular dada a sua sobriedade formal¹³ agravada em muitos casos pela má conservação. Em artigo sobre preservação Cecília Londres citava Fernando Pessoa quando este autor dizia que o rio da sua terra não era o Tejo. É nesta direção de compreender o sentido dos rios das nossas terras que não são apenas afluentes de um rio maior, como quer a teoria da difusão.

12. Alias em parte graças a um carioca.

13 Os alunos de artes visuais da UFPB julgaram que se tratava de uma brincadeira quando uma das autoras referiu-se à beleza da rodoviária da cidade de João Pessoa, projeto de Glauco Campello.

Do ponto de vista do que preservar isso se reflete desde a eleição dos imóveis a serem preservados, até as restrições legais passando pela qualidade das intervenções, ou seja nas diversas instâncias de proteção do patrimônio. Pois embora o olhar do técnico ou dos estudiosos sempre tenha sido o da qualidade de um ponto de vista erudito¹⁴, o olhar da população que garante a preservação.

Referências bibliográficas

ANELLI, Renato, GUERRA, Abílio; KON, Nelson. **Rino Levi: Arquitetura e Cidade**. 1. ed. São Paulo: R. Guerra, 2001.

As conferências de Le Corbusier. Movimento Brasileiro. Fac-símile. apud. SANTOS, Cecília Rodrigues dos. et al. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: Tessela/Projeto, 1987. p.56-57.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CARVALHO, Juliano Loureiro; QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas; TINEM, Nelci. Trem veloz, rupturas lentas: arquitetura como produção do espaço urbano em Campina Grande - 1907-1935. São Paulo: **Vitruvius**: Texto especial 413. Arqtextos 083 Abril, 2007.

COMAS, Carlos Eduardo. **Precisões Brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia, 1936-45**. Tese de doutorado, Universidade de Paris VIII – Vincennes-Saint Denis, 2002.

_____. Protótipo e monumento, um ministério, o ministério. **Projeto**, São Paulo; nº 102, p. 137-149, ago. 1987.

_____. Lúcio Costa e a revolução na arquitetura brasileira 30/39. De lenda(s) e Le Corbusier. São Pau: **Vitruvius**, 2002. Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq022/arq022_01.asp> Acesso em 18 jul. 2007.

_____. Moderno e Nacional uma incompatibilidade a questionar. In: PESSÔA, José et alli. **Moderno e Nacional**. Niterói-RJ:EdUFF, 2006. p. 35-65.

¹⁴ Com as variações valorativas ao longo da História, como demonstra o recente “boom” do ecletismo, tão pouco valorizado pelos modernistas na repartição como os chamou Cavalcanti.

_____. Rio, Pernambuco, Rio Grande e Minas: contextualismo e heteromorfismo na arquitetura moderna brasileira. In: **I Seminário DOCOMOMO Norte/Nordeste**. Recife: UNICAP/UFPE, 2006.

CONDURU, Roberto. Tectônica tropical in: Forty, Adrian, Andreoli, Elisabeta (orgs.) **Arquitetura Moderna Brasileira**. London: Phaidon, 2004, pp.56-105

COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p.60-61.

COSTA, Roberta Xavier da. **Casas modernas na orla marítima de João Pessoa**. Dissertação de mestrado em desenvolvimento: PPGAU/UFRN, 2008.

COUTINHO, Aluizio Bezerra. **O problema da Habitação Hygienica nos países quentes em face da “Architectura Viva”**. Tese de Doutorado da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Oficinas Alba Graphics, 1930.

FRAMPTON, Kenneth. **Historia Crítica de la Arquitectura Moderna**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.S.A.,1993.400p.

GOODWIN, Philip L. **Brazil Builds. Architecture. New and Old**. 1652-1942. New York, 1943.

LEMONS, Carlos A.C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP. 1979.

LIMA, Pedro. *Arquitetura no Rio Grande do Norte: uma introdução*. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002

MARQUES, Sonia & NASLAVSKY, La Réception du Modernisme à Recife. In: **7th DOCOMOMO International Conference**. Paris:set/2002.

_____. **Eu vi o modernismo nascer...e ele começou no Recife**. In: MOREIRA, Fernando Diniz (Org.). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. 1º ed. Recife-PE: FASA, 2007, v. , p. 81-105.

_____. *Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno*. São Paulo: Vitruvius, 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp065.asp>> acessado em 07/06/2007.

MARTINS, Carlos Alberto. **Arquitetura e Estado no Brasil: Elementos para uma Investigação sobre a Constituição do Discurso Moderno no Brasil; a Obra de Lúcio Costa 1924/52**. São Paulo, 1987. 225 p. Dissertação (Mestrado): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MELO, Alexandra Consulin Seabra de. **Yes, nós temos arquitetura moderna!**. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, . Orientador: Sônia Maria de Barros Marques.

MINDLIN, Henrique. **Modern Architecture in Brazil**. Rio de Janeiro/ Amsterdam. Colibri, 1956.

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim**, (2004), 270p. Tese (Doutorado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo (2004).

_____. **Modernidade Arquitetônica no Recife: arte técnica e arquitetura, 1920-1950**. São Paulo, 1998. 301p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.

PEREIRA , Marizo e NOBRE, Paulo José Lisboa. **Recife e Rio de Janeiro: influências na produção da Arquitetura Moderna em Natal. Docomomo Bahia**
http://www.docomobahia.org/AF_Marizo%20Pereira%20e%20Paulo%20Nobre_1.pdf cnsultado em 3 de maio de 2011

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. **Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)**. 276p. Dissertação (Mestrado) -Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-21072008-142851/> > Acesso em: 11abr. 2009.

PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da Arquitetura**. São Paulo: Editora Pontes, 1998. 192 pág.

ROCHA, Fabiano de Melo Duarte & QUEIROZ. Marcus Vinicius D. **Arquitetura Moderna em Campina Grande: Emergência Difusão e a Produção dos anos 1950**. In: 1º.Seminário DOCOMOMO Norte e Nordeste. **Arquitetura e Urbanismo no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade**, 2006, Recife, 2006. **Anais....** Recife, Universidade Católica de Pernambuco/MDU/CECI, 2006. 1 CD-ROM.

SANTOS, Cecília Rodrigues et alli. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: Tessela/Projeto, 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.224p.

SCOCUGLIA, [Jovanka Baracuhy C. , MONTEIRO, Lia Tavares e MELO, Marieta Dantas Tavares de Melo](#). Arquitetura Moderna no Nordeste 1960-70: a produção de Borsoi em João Pessoa. Influências pernambucanas e necessidade de preservação. São Paulo: **Vitruvius**, Arqtextos, 063, Agosto de 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq063/arq063_02.asp > Acesso em: 11 abr. 2009.

TINEM, Nelci, TAVARES, Lia, TAVARES, Marieta. **Arquitetura Moderna em João Pessoa. A memória moderna e local de um movimento Internacional**. In: 6º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL MODERNO E NACIONAL: ARQUITETURA E URBANISMO, 2005, Niterói. Anais....Niterói: Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, 2005.
<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Nelci%20Tinem.pdf>

TSIOMIS, Yannis. Paris- Rio... et retour. Le projet de paysage de Le Corbusier. **Cahiers de la recherche architecturale et urbaine 18/19: Brésil France Architecture**. Monum, Editions du Patrimoine. Mai, 2006. p.67-78.

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. Modernidade arquitetônica e internacionalismo nos trópicos. O Edifício Central do Instituto de Educação da Paraíba (1936-1939). In: 6º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL MODERNO E NACIONAL: ARQUITETURA E URBANISMO, 2005, Niterói. **Anais....**Niterói: Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, 2005.

TRIGUEIRO, Edja, CAPPI, Fernanda e NASCIMENTO, Maira. **Modernismo potiguar: vida, reprodução e quase morte** 2010, em 3º. DOCOMOMO norte-nordeste, João Pessoa, disponível em http://www.docomomonortenordeste.com.br/artigos/TC_SEC3_8.pdf

<http://www.youtube.com/watch?v=4mtQNad59kE>